

## **Balada das dez bailarinas do cassino**

**Cecília Meireles**

Enviado por:

Publicado em : 18/06/2008 12:20:00

Balada das dez bailarinas do cassino

Dez bailarinas deslizam  
por um chão de espelho.  
Têm corpos egípcios com placas douradas,  
pálpebras azuis e dedos vermelhos.  
Levantam véus brancos, de ingênuos aromas,  
e dobram amarelos joelhos.

Andam as dez bailarinas  
sem voz, em redor das mesas.  
Há mãos sobre facas, dentes sobre flores  
e com os charutos toldam as luzes acesas.  
Entre a música e a dança escorre  
uma sedosa escada de vileza.

As dez bailarinas avançam  
como gafanhotos perdidos.  
Avançam, recuam, na sala compacta,  
empurrando olhares e arranhando o ruído.  
Tão nuas se sentem que já vão cobertas  
de imaginários, chorosos vestidos.

A dez bailarinas escondem  
nos cílios verdes as pupilas.  
Em seus quadris fosforescentes,  
passa uma faixa de morte tranqüila.  
Como quem leva para a terra um filho morto,  
levam seu próprio corpo, que baila e cintila.

Os homens gordos olham com um tédio enorme  
as dez bailarinas tão frias.  
Pobres serpentes sem luxúria,  
que são crianças, durante o dia.  
Dez anjos anêmicos, de axilas profundas,

embalsamados de melancolia.

Vão perpassando como dez múmias,  
as bailarinas fatigadas.

Ramo de nardos inclinando flores  
azuis, brancas, verdes, douradas.  
Dez mães chorariam, se vissem  
as bailarinas de mãos dadas.

(in Mar Absoluto e outros poemas: Retrato Natural. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.)

fonte: jornal da poesia

\*\*\*\*\*